



INCIDÊNCIA DE FASCIOLA HEPATICA EM BÚFALOS NO ESTADO DO PARANÁ, BRASIL

Bianca Toaldo, Daisy Woelner Santos, Guilherme Wolff, Jéssica Laguardia Heringer Faria,
Tainah Dorado, Pedro Irineu Teider Tunior
(Laboratório de Doenças Parasitárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil)
E-mail: molento@ufpr.br

Fasciola hepatica é o trematoda mais importante em ruminantes domésticos, causando grande impacto na saúde dos animais e na produção, causando anemia, perda de peso e morte. A Fasciolose é tida como uma doença de distribuição mundial, e ocorre em regiões onde há a presença do hospedeiro intermediário, o molusco do gênero *Lymnaea sp.* No Brasil, os estados com maior frequência são, em ordem decrescente, o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás. O objetivo deste trabalho foi determinar a incidência de *F. hepatica* em 1.335 bubalinos abatidos no ano de 2012 e inspecionados pelo Serviço de Inspeção Federal. Foram analisados animais provenientes das cidades de Cerro Azul (299 animais), Antonina (148), São José dos Pinhais (25), Guaraqueçaba (121), Adrianópolis (99) Ponta Grossa (9) e Dr. Ulisses (86). Destes, 724 machos e 611 fêmeas foram analisados, sendo a média de peso dos animais machos foi de 226,71kg e a das fêmeas foi de 217,87 kg. Foi determinado um alarmante índice de infecção de 39,25% dos animais, sendo que a maior incidência ocorreu no verão (48,62%). Os maiores índices de parasitismo foram encontrados em Cerro Azul e Antonina e somente Ponta Grossa não apresentou nenhum caso positivo. Na análise Regressão Linear, não foi encontrada significância estatística entre nenhuma das variáveis climáticas: estação do ano, peso e a incidência de fasciolose. Os valores da Análise de Variância indicaram que não houve uma relação significativa entre o peso médio de abate e a incidência de fasciolose a um nível de confiança de 95%. O coeficiente de correlação de Pearson mostrou uma baixa correlação entre o peso médio de abate e a incidência de fasciolose. A principal forma de controlar essa parasitose é conciliar manejo dos animais parasitados com a atuação no meio ambiente, no que diz respeito ao molusco. Para controlar o caramujo *Lymnaea sp.*, um dos recursos é reduzir as áreas alagadas nas pastagens, impedir o acesso dos animais a lagos, lagoas, córregos ou introduzir predadores naturais. Os animais parasitados devem ser tratados com fasciolocidas (triclabendazole, nitroxinil ou closantel) para reduzir a eliminação dos ovos nas pastagens, o que poderá reduzir a contaminação dos hospedeiros intermediários. A descoberta da alta taxa de contaminação dos animais, comprova a preocupação quanto o risco a saúde pública, tendo em vista o potencial zoonótico desta enfermidade.